

ATIVIDADE METALINGÜÍSTICA EM DISCUSSÃO: A REFAÇÃO TEXTUAL ESCRITA DE SUJEITOS AFÁSICOS.

HELOÍSA DE OLIVEIRA MACEDO
(UNICAMP)

ABSTRACT Although there have been several studies about the processes of rewriting texts there is none related to aphasia. Even though rewriting is considered as an alternative to promote reflection, to searching for new ways and, therefore, as a new possibility of signifying in a text, in language, it was never studied with brain damaged subjects. When the subjects recognize the need to rewrite his text in order to make themselves understood in a more accurate way by his partners, they change their strategies, adjust their language and position themselves as social subjects. The theory on which this work is based is the Neurolinguistics developed by Coudry (1986) and Morato (1995), *discursively oriented*, which assumes the close relation between language and speech, language and cognition and between the subject and the social practices. Three aphasic subjects were followed while the process of writing texts about their history on aphasia, mainly about the consequences that the condition of being aphasic brought to their lives. The process of writing was carried together with the investigator, when they talked about their doubts and about the hypothesis they made about the process of writing. The analysis shows that the cognitive aspects related to the knowledge of the rules and structures of a written text are preserved. In fact, they were able to recognize when something is not properly organized. In general, the research shows that the work with rewriting allows the subject to recover and/or improve their competence in reading and writing.

INTRODUÇÃO

Considerando-se o aporte teórico deste trabalho, inscrito no campo de uma Neurolinguística enunciativo-discursiva (Morato, 1995, Coudry, 1986), é importante ressaltar que são tomados como fundamentais à atividade reflexiva da linguagem a interlocução e os aspectos sociais concernentes à produção discursiva em questão. O discurso, ou o texto (Koch, 1998) produzido pelo afásico na presença de um interlocutor que ele considera como privilegiado, faz com que a reflexão em torno do mesmo produza efeitos sobre sua linguagem diferentes do que em uma produção sem a presença do interlocutor. Esse aspecto parece ser o diferencial quando se trata de uma produção escrita, especialmente quando se trata de uma refacção.

A refacção pressupõe um retorno ao texto de maneira reflexiva, com um olhar avaliativo em que se procura erros ou segmentos a serem reformulados. Proceder a uma atividade reflexiva desse tipo parece ser uma constante na fala ou na escrita de sujeitos com uma atividade lingüístico-cognitiva não afetada por lesão cerebral (ou emocional), porém não acontece naturalmente em sujeitos que tenham algum tipo de acometimento neurológico que afete a linguagem/cognição, como os afásicos.

Entendendo, então, que a linguagem é uma atividade cognitiva, qual seria a concepção em torno da metalinguagem, uma vez que este trabalho trata de refacção como uma atividade metalingüística por excelência?

A discussão em torno da aceção dos termos metalinguagem, metalingüístico e epilingüístico não é simples, pelo contrário, é uma discussão bastante complexa. Por esse motivo, remeto-me ao

trabalho de BUSATO (2001). Em sua dissertação de mestrado, essa autora procede a uma vasta reflexão sobre o tema, especialmente em relação à Neurolingüística.

Sobre Jakobson ela diz que ele se refere à noção de metalinguagem, termo com origem na Lógica, para explicar problemas lingüísticos apresentados por afásicos. Para esse autor, metalinguagem não pode ser reduzida à questão metalingüística, já que a linguagem é vista como código. Há outros processos afeitos à linguagem que a afetam e que não são lingüísticos. Ou seja, a afasia é um problema de linguagem, mais precisamente, um problema de metalinguagem. Assim como para Jakobson, Busato (*op.cit.*) diz que para Lebrun também a metalinguagem corresponde a um uso da linguagem para se referir à própria linguagem, ou seja, é uma atividade externa à linguagem.

Por outro lado, Busato (*op.cit.*) diz que para Lacan, Bakhtin, Authier-Révuz e Maingueneau a metalinguagem está integrada à linguagem de maneira constitutiva, idéia apresentada por Morato (1999, 2001a) em discussão sobre o assunto. No trabalho de Busato também são apresentadas as idéias de Culioli, Françaço, Vygotsky, Luria, Possenti, Arrivé, Gerdali, entre outros. De Culioli ela discute a questão em torno do nível de consciência como diferenciador na classificação das atividades metalingüísticas ou epilingüísticas.

Já Coudry e Morato (1988) tratam do papel da interação nas atividades metalingüísticas. Para elas [...] *as operações epilingüísticas manifestam esse momento em que nos auto-corrigimos, tentamos reinterpretar a fala do outro, cometemos atos falhos, hesitamos, subtendemos, retomamos de outra maneira o que já havíamos dito, etc. Tais marcas lingüísticas não poderiam ser estruturadas à semelhança de uma ordem lógico-matemática em virtude das coordenadas dêiticas, das pressuposições de conhecimento, das imagens recíprocas dos interlocutores sobre si mesmos e acerca de referentes, etc. As operações epilingüísticas, enfim, traduzem o momento da ação reguladora da linguagem.* (p.132 *apud* Busato, 200:54). Dessas colocações, em especial, teço considerações em torno do tema deste trabalho: a refacção. Entendida como uma atividade metalingüística e, sendo a interação fundamental nessa atividade, há que se considerar que não há refacção se não houver interação, se não houver uma interlocução que a provoque.

Gerdali (1991/1997), assim como Culioli, distingue três atividades que ocorrem com a linguagem, sobre a linguagem e que são da linguagem, embora representem níveis distintos de reflexões: as atividades lingüísticas, as atividades epilingüísticas e as atividades metalingüísticas. As primeiras demandam uma reflexão pelo interlocutor sem interrupção da progressão do assunto; as seguintes são aquelas que, também presentes nos processos interacionais, resultam de uma reflexão que toma os próprios recursos expressivos como seu objeto; já as últimas são aquelas que tomam a linguagem como objeto, não mais enquanto reflexão vinculada ao próprio processo interativo, mas conscientemente constróem uma metalinguagem sistemática com a qual falam sobre a língua.

Refletindo sobre o que diz Gerdali, pode-se entender que, para ele, metalinguagem seria um nível de reflexão da linguagem, ou seja, faz parte da linguagem e não pode ser entendida fora desta ou como ação exterior a ela. Estendendo esta reflexão aos trabalhos de Claudia De Lemos (1982, por exemplo) sobre aquisição de linguagem, é possível compreender que as atividades lingüísticas que as crianças, desde muito cedo, exercem sobre a linguagem, são atividades epilingüísticas ou, em outros termos, são indícios de uma metalinguagem em formação, constituindo-se como parte da linguagem. Sobre esses aspectos, Busato (*op.cit.*) cita outros trabalhos de De Lemos e de Figueira em que são apresentadas as idéias dessas autoras sobre o “erro”. Para Figueira (1996 *apud* Busato, 2001: 73), a presença de “erros” na fala da criança, após um período marcado pela incorporação da fala do outro, fornece evidências de que está operando sobre o objeto lingüístico, na medida em que relaciona elementos, neles reconhecendo formas que investe de significação. Tal concepção pode ser estendida às atividades de refacção textual escrita a que este trabalho se refere.

Estabelecer uma clara distinção entre atividades lingüísticas e metalingüísticas é praticamente impossível – ainda que se preserve a existência de níveis distintos que o sujeito estabelece quando

estimulado na enunciação, como se procura entender e demonstrar através dos autores acima citados. Parece que não há metalinguagem separada da linguagem, não há um domínio cognitivo que explique o componente meta separado da linguagem, embora Benveniste, Ducrot e o próprio Jakobson os separem.

Como diz Busato (op.cit.) em suas conclusões, *visualizar os movimentos da metalinguagem significa olhar para os movimentos de explicitação das manobras do sujeito sobre a linguagem em função de ajustes e adequações promovidos pela interação, pela interlocução, por múltiplas atividades psico-sociais.*

Parece ficar claro, portanto, que o movimentar-se na linguagem é fundamental para sua própria possibilidade de reorganização. Essa possibilidade, entretanto, não se dá fora da interlocução, de práticas linguísticas cotidianas. É pela presença do outro, das circunstâncias em que se dá a enunciação, que o sujeito é instado a tomar posições sobre sua própria linguagem, buscando formas diferentes de construir a significação. (p.116)

Portanto, se há um acordo que a metalinguagem é integrada à linguagem, então todos os processos cognitivos estão integrados à linguagem e a refacção, enquanto atividade reflexiva, metalingüística, é, sem dúvida, uma atividade de linguagem. Portanto, mesmo afásicos são sujeitos de linguagem que precisam de uma cognição de certa forma preservada para que a linguagem esteja em funcionamento. A refacção, nesse contexto, parece ser um lugar privilegiado de visibilidade desta questão em especial: como proceder a uma retomada de texto, um reconhecimento de “erros”, a uma percepção do que pode ou deve ser refeito senão por uma atividade cognitiva, de linguagem? Os dados apresentados neste trabalho têm o objetivo de mostrar que há uma atividade reflexiva, cognitiva, preservada e atuante mesmo em sujeitos afásicos e é através desta atividade reflexiva que outros aspectos cognitivos da linguagem podem ser melhor retomados e exteriorizados.

A interação, o papel do outro enquanto interlocutor do afásico em sua atividade reflexiva com a linguagem – a refacção de textos, no caso, escritos, mostra-se relevante, como foi apontado na dissertação de Busato. Todos os dados coletados na atividade de produção e refacção textual escrita com os sujeitos deste trabalho demonstram a dependência do afásico em relação ao seu interlocutor: não há retomada de textos senão pela intervenção do outro.

Sobre a relação entre a atividade cognitiva de percepção e reflexão textual, pode-se retomar o que diz Vygotsky (1984) sobre o processo de internalização e a Zona de Desenvolvimento Proximal. Para ele, a internalização corresponde a uma reconstrução interna de uma operação externa com base em operações com signos, ou seja, por mediações semióticas e, particularmente, pela linguagem. Isso significa que o plano interno não preexiste, mas constrói-se e é fruto do processo de internalização, como diz a esse respeito, Leite (1991:29). Se há um plano interno a ser construído por uma ação externa mediada, podemos considerar, como ocorre com o afásico, que a atividade reflexiva da linguagem, intermediada por um outro sujeito de linguagem, pode fazê-lo retomar (ou reativar) operações já internalizadas e que parecem ter ficado “adormecidas” (porque foram prejudicadas pela lesão cerebral). O outro (ação externa) faz o papel de regulador que levará a uma auto-regulação, ou seja, o papel do meio social e cultural do qual o sujeito faz parte é de formador das funções psicológicas e é o outro, interlocutor que fará com que as ações e funções já internalizadas, sejam ativadas.

Para ilustrar a reflexão pretendida neste trabalho, são apresentados dados coletados em entrevistas individuais com dois sujeitos afásicos que frequentam o CCA (Centro de Convivência de Afásicos – Laboratório de Neurolinguística do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP). A proposta feita a estes sujeitos foi de escreverem um texto em que narrassem suas histórias de vida, particularmente em torno do episódio neurolinguístico que os acometeu, para que o mesmo fosse inserido na página do CCA e divulgado, então, via internet. As entrevistas foram vídeo-gravadas e, durante as mesmas, a pesquisadora procedeu à escrita de um diário no qual registrou suas impres-

sões e as ocorrências que lhe pareciam mais significativas. Os dados a seguir referem-se ao momento inicial de coleta em que os sujeitos escreviam seus textos de maneira manuscrita (houve uma segunda etapa em que os textos foram digitados).

Sujeito 1 - NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas, de 43 anos, nascida em 28/12/1959 na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico realizado nesse hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à esquerda. Nesse diagnóstico, houve dúvidas sobre a existência de Síndrome Piramidal frontal à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita. No exame de EEG, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural nesta região. Em termos neurolingüísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades no acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo. Antes do AVC seus hábitos de leitura e escrita resumiam-se à troca de cartas com familiares, listas de compras, lembretes e leitura de revistas do tipo “fococas televisivas”.

O dado apresentado abaixo se refere a um segmento produzido por NS na interlocução com HM (pesquisadora) em torno de texto que ela havia escrito nesse dia. HM procura retomar com NS sua intenção de escrita e mostrar-lhe o que efetivamente estava escrito a fim de que a mesma pudesse proceder a alguma reformulação que achasse necessária. O que se observa é que sem a intervenção da pesquisadora não haveria retorno ao texto e muito menos uma atividade reflexiva em torno do mesmo que resultasse em uma refacção textual escrita.

SUJEITO	ESCRITA	FALA	ATIVIDADE NÃO-VERBAL	CONTEXTO
NS	Carla com Rojaina . mãe comiço . ata Bamço	É ... “a Carla e a Rejane... “mãe... cê quer comida? só chorava ... mãe ... você quer, você quer tomar banho...”		Continua leitura
HM		Mas tá escrito isso?		
NS		Não... É! Eu penso... num sei...	Olhar interrogativo: não sabe se concorda ou não	
HM		O que que você acha que tá escrito... você tá lendo o que tá escrito?		

NS		Eu es/... ahã...	Tom de concordância	
HM		Que que você tá lendo aqui?		
NS	Carla com Rojaina . mãe	“ma/...ca/...” peraf... “A Rejane e a Carla ... mãe...”		
HM		“mãe”		
NS	mãe comiço. ata	“mãe... você quer comida” ... Eu só chorava... só chorava...		
HM		Tá escrito aqui? “só chorava”? Mas...		
NS		É		
HM		Mas nessa palavrinha aqui tá escrito “só chorava”?	Aponta a palavra no papel	
NS		Ah! Num sei...		
HM		Que que você acha que tá escrito aqui?		
NS		Não sei		
HM		Não consegue ler, NS?		
NS		Não consigo...		
HM		Tá ... e aqui...		
NS	bamço	“Mãe, vá tomar ... vai...”	lendo	
NS		Chama?	Apontando palavra e questionando	Tenta ler, mas como não consegue (lembrar-se do que havia escrito ou decodificar a escrita em si), pede ajuda a HM.

HM		“banho”		
NS		“banho”	Tom de concordância	
HM		E esse “30” aqui... que que é isso?	Aponta o papel	
NS	30 mês	É... como chama?		
HM		“30 mês”... Tá escrito “30 mês”.	lendo	

No caso de NS, além da necessidade premente do interlocutor para recuperação do texto escrito, pode-se perceber uma relação bastante intensa da escrita com a oralidade: NS não escreve sem falar, assim como fala seu texto, não o lê. Apesar disso, ela sabe que o texto escrito é que precisa ser falado, lido e por isso, quando não consegue aceder à palavra desejada, a aponta no texto escrito para que sua interlocutora, HM, possa ajudá-la. Esse fato demonstra-nos que há aspectos cognitivos relativos ao que seja um texto escrito, codificação e decodificação de palavras, ao que seja a leitura, ao estatuto da atividade escrita, que estão preservados e, diante do outro, ela é capaz de proceder à realização dessas atividades cognitivas, de linguagem.

Sujeito 2 - JL

JL é um senhor brasileiro de 70 anos, destro, casado, nascido em 04/03/1933 na cidade de São Paulo (SP). JL tem segundo grau completo e vários cursos de reciclagem na área de vendas e administração (era vendedor, negociava produtos de papel, jornal, fazia encomendas e negócios por telefone). Atualmente, JL faz curso de marcenaria, especializando-se em marchetaria, o que o tem deixado bastante satisfeito. Em 17/11/00, JL teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo do rosto. De acordo com exame neurológico realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP em 23/09/02, JL apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica.

Antes do AVC, JL gostava de ler revistas, além de jornais (os quais hoje ainda assina e lê), livros policiais e textos técnicos, específicos de sua área de conhecimento e atuação profissional. Escrevia bastante “Telex” e cartas para clientes, mas não outros tipos de textos. Hoje, após o AVC, diz não mais conseguir ler e apreciar a leitura como antes. JL apresenta a escrita relativamente preservada, com algumas omissões de letras, de palavras funcionais e/ou parafasias e contaminações.

Quanto à leitura, consegue fazê-la bem em voz alta, é capaz de se referir ao que foi lido, embora não consiga recontar um texto inteiro. JL diz: “*Consigo ler, aprender bastante, mas não consigo descrever...*” (entende-se “descrever” como “contar o que leu”). Caracterizam a fala de JL dificuldades de encontrar palavras, perseverações, dificuldades predicativas e abundantes parafasias (fonológicas e semânticas).

Os dados a seguir mostram a influência do processo de letramento de JL e podem exemplificar quais características de sua escrita estão de alguma forma alteradas pela afasia e o que se mantém para além da mesma. O segmento foi produzido em 27/09/2001.

SUJEITO	ESCRITA	FALA	ATIVIDADE NÃO-VERBAL	CONTEXTO
HM	Tenho 68 ANOS e SOFRI AVC, quando tião 68 NOVEMBRO	Ó lá... Vamos ver o que o senhor JL escreveu... que que o senhor escreveu até agora?		Havia escrito seu nome, de sua esposa e filhos.
JL	Tenho 68 ANOS e SOFRI AVC, quando tião	Tenho 69 anos e sofri AVC quando tive... (hesita) ixi..		Lendo seu próprio texto percebe erro na palavra "tinha"
HM	68 NOVEMBRO.	Que que é isso? "Quando tinha..." ... ué?!	Apontando para o texto em que está escrito 68 e para a palavra novembro, sem entender o que significa.	
HM		"Tenho 68"...		HM retoma leitura com JL.
JL		"sessenta e oito e sofri AVC quando..."		Acompanha leitura oralizada de HM.
HM		'tinha'?	Confirmando se a palavra está correta	
JL	Tenho 68 ANOS e SOFRI AVC, quando tião (TINHA)		Acrescenta a palavra com ortografia adequada.	enquanto isso HM fala com NS
JL	NÃO SOFRI ADORMECIMENTOS TINHA 18/24 <u>de preção</u> (pressão)	Como é que escreve....	Grifa a palavra depreção	escreve e faz correções em seu texto: HM dá modelo escrito

HM		Olha lá vamos continuar...		HM havia voltado-se a MG e NS e retoma leitura com JL para ajudá-lo
JL	FUI ADORMECIDO E QUANDO DESCANSEI (SOFRI) <u>o acidente</u> ##### <u>tive uma #####*</u>			Enquanto escreve faz as *correções/rasuras que aparecem
JL		Como é que escreve...tive é... como que?... Fono?		
JL	PERDA DE VOZ. E ASSIM CONTINUA NESTE FONO E CONTINUADO ## COM VARIAS <u>nuances</u> ### De voz DE FONNO.			JL escreve enquanto HM conversa com NS e MG. JL também participa das conversas, até que H retoma o trabalho com ele.
HM		Isso! 'fono'... O que eu faço, né? Fono...isso!	Lendo o que JL escreveu	

JL apresenta, como foi dito, um processo de letramento em que as questões gramaticais, tanto quanto as textuais, estão mais desenvolvidas que para NS. Sem que seu interlocutor precise o tempo todo acompanhá-lo, é capaz de escrever algo compreensível e bastante próximo do convencional. Seus erros são, quando identificados, fortemente marcados por rasuras na tentativa de apagá-los, o que parece querer fazer com sua condição de afásico. Nesse sentido, volta-se ao texto espontaneamente, lê o que escreveu e é capaz de perceber alguns erros ortográficos, especialmente, mas também procede a correções textuais. JL faz solicitações a HM, sua interlocutora privilegiada, quando tem dúvidas ortográficas ou quando apresenta dificuldade no acesso lexical que deseja: "como é que escreve... tive, é... como que? Fono?"

Da produção de JL pode-se destacar a execução de uma atividade reflexiva com a linguagem mais freqüente do que com NS. Ele volta ao seu texto, quando solicitado a relê-lo, e procede a

questionamentos tanto ortográficos quanto textuais denotando seu conhecimento da língua e a preservação de aspectos cognitivos relativos a esta atividade metalingüística.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Embora tenham sido apresentados apenas alguns dados e o assunto em questão seja extremamente complexo, pode-se retomar as questões apontadas no início deste texto em torno da atividade metalingüística. Pressupondo-se, então, que a linguagem tem uma capacidade reflexiva e que o componente meta não pode estar fora das ações com a linguagem, como se fosse independente dela, e que todos os processos cognitivos estão integrados à linguagem, pode-se concluir que a atividade de refacção coloca sim a atividade metalingüística em questão, uma vez que reafirma esses pressupostos. Os dados apontaram esses aspectos: o contexto sócio-cultural em que se inserem os sujeitos são formadores das funções psicológicas (percepção de mundo, conhecimento de mundo – Vygotsky); porém é o outro, interlocutor, que faz com que as funções já internalizadas (entendendo a atividade metalingüística como uma dessas funções) sejam atividades e possam ser externalizadas. E são essas atividades, enunciativo-discursivas, que fazem com que o sujeito, mesmo cérebro-lesado, mesmo com algum comprometimento de determinadas funções cognitivas, possa ser um sujeito de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. S. R. O. de. (2001). *Refacção como Ação Pedagógica: o olhar do outro sobre o texto orienta a refacção?* Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada – IEL, UNICAMP.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1998) – *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- BAKHTIN, M. (1929/1981) – *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BARROS, D. L. P. de (1997) – “Procedimentos de reformulação: a correção” In: PRETI, D. (org.) (1997). *Análise de Textos Orais*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP (Projetos Paralelos: v.1). 3ª edição.
- BENVENISTE, É. (1966). *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard.
_____ (1974). *Problèmes de Linguistique Générale I e II*. Paris: Gallimard.
- BILGER, M. & TEBEROSKY, A. (1991). – “La connaissance de l’écrit chez les adultes ‘illettrés’”. In: MARTY, N. (coord.) (1991). *Études de Linguistique Appliquée. L’Écrit dans L’Oral*. Paris: Didier Erudition. 81, Janvier – Mars, 1991:49 - 55.
- BRANDÃO, H. N. (1998) *Introdução à Análise do Discurso*. 7 ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.
- BUSATO, V. (2001). *A noção de metalinguagem no campo da neurolingüística: um estudo enunciativo*. UNICAMP, IEL – dissertação de mestrado. Campinas, SP: [s.n.]
- COUDRY, M. I. H. (1986/1996). *Diário de Narciso: discurso e afasia*. (2ªed) São Paulo: Martins Fontes.
- DE LEMOS, C. T. G. (1982) – Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN* 3: 97 – 126.

- FRANÇOZO, E. (1987). *Linguagem Interna e Afasia*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP. Inédita.
- GERALDI, J. W. (1991 – 1997) – *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes. 4ª ed. (Texto e Linguagem).
- JAKOBSON, R. (1980 -1988) – “El Metalenguaje como Problema Lingüístico” In: *El Marco del Lenguaje*. México: Fondo de Cultura Económica.
- KOCH, I. V. (1998) *A Inter-Ação pela Linguagem*, São Paulo: Contexto. (4ª ed. – Repensando a Língua Portuguesa)
- LEITE, L. B. (1991). As Dimensões interacionista e construtivista em Vygotsky e Piaget. In: *Cadernos Cedes 24 – Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética*. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (UNCAMP).
- MAINGUENEAU, D. (1987/1997) – *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes. 3ª edição.
- MORATO, E. M. (1996a) – *Linguagem e Cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus.
- _____ (1996b) – Processos de significação e pesquisa neurolingüística. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 32: 25–35.
- POSSENTI, S. (1992)– Metalinguagem, tem! *Anais do GEL*. 1123 – 1130.
- _____ (1995) – Língua: sistema de sistemas In: *Temas de Neuropsicologia e Neurolingüística*, 4: 20-25.
- VYGOTSKY, L. (1934/1987). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.